



PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO EM UMA CIDADE MINEIRA.

***João Pedro Berbert Freitas
Reginaldo Adriano de Souza***

Curso: Administração Período: 8º Área de Pesquisa: Comportamento Humano

Resumo: Pretende-se com este estudo dar ouvidos aos profissionais do sexo com suas dores, bem como prazer no ambiente de trabalho, compreendendo sua visão e sentido do trabalho, como se enxergam dentro da sociedade, visto que a profissão não é bem vista pela mesma, e as consequências a vida pessoal. Objetiva-se apresentar a situação de trabalho dos profissionais do sexo da cidade de Manhuaçu (MG), o sentido do trabalho para eles e os aspectos motivacionais que os levam a estarem inseridos nesse ambiente complexo de trabalho. Adotou-se uma abordagem de pesquisa qualitativo-descritivo, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, onde pudessem discorrer livremente sobre o assunto. Constatou-se que a relação entre o prazer e sofrimento não se estabelece em uma linha tênue, percebe-se que o sofrimento tem peso maior. O que se considera em relação ao prazer proporcionado pela prostituição, é a perspectiva financeira estável para se manterem e suprirem suas necessidades, tal como satisfazer seus desejos consumistas. No que tange o sentido do trabalho, observou-se que encontram o sentido em outras extensões da profissão, como a forma de sobrevivência de si mesmos e de seus dependentes, e a liberdade em comprar o que desejam, satisfazendo suas vontades.

Palavras-chave: Prostituição. Prazer. Sofrimento. Trabalho.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho traz consigo uma representação na vida das pessoas e um prestígio diante da sociedade. Contudo, essa ideia não se “aplica” a formas de trabalho consideradas moralmente inaceitáveis, como a prostituição. Nesse contexto, o estudo a ser realizado é uma forma de dar ouvidos a essa classe profissional, apresentando todas as dificuldades encontradas, sua visão de trabalho e forma de se enxergarem dentro da sociedade, entendendo o sentido do trabalho para eles e as consequências à vida pessoal.

A prostituição é toda atividade na qual uma pessoa troca serviços sexuais por dinheiro ou qualquer outro bem, com a finalidade de propiciar prazer sem a necessidade de qualquer sentimento afetivo. A prática comercial do sexo existe desde tempos remotos, considerada uma das profissões mais antigas do mundo (REVERÓN, 2008), porém a compreensão social acerca da prostituição como trabalho é complexa, preconceituosa e discriminatória, com uma visão marginalizada do ato, sustentada por uma ideia moral e ética, de cunho pecaminoso de seu exercício, recriminando a atuação profissional sem conhecer os motivos que levaram os profissionais do sexo a viver dessa forma de trabalho.

No entanto, essa profissão, ainda se configura como uma forma informal de trabalho, na qual as (os) garotas (os) de programa não são assegurados por políticas públicas, nem seus direitos e deveres garantidos por lei, dando margem ao aumento da vulnerabilidade destes nos aspectos legais, de saúde e de segurança. Além disso, percebe-se a falta de apoio para denunciar e enfrentar os estigmas, os preconceitos e as discriminações que sofrem (SILVA *et al.*, 2013).

A maior parte da população brasileira sobrevive em nível de carência, com poucas oportunidades de emprego, falta de acesso à formação acadêmica e carência de experiência profissional, sendo obrigada a procurar formas rentáveis de trabalhar para viver e se sustentar, dentre elas a prostituição (SOUZA, 2007).

O uso comercial do corpo, além de ser fonte de preconceitos causadores de danos irreparáveis à imagem das (os) prostitutas (os) e à aceitação perante a sociedade, transfigura-se com emoções negativas do rebaixamento moral sofrido. Outrossim, essa atividade também fornece seus riscos, tais quais um ambiente de trabalho incerto, o uso de drogas ilícitas, o contágio de doenças sexualmente transmissíveis e a passividade à violência em seus diferentes modos: sexual, psicológica, verbal e física. Esta prática é uma realidade e está presente nos diversos meios urbanos, não sendo diferente em Manhuaçu.

Neste contexto, pretende-se com este estudo dar ouvidos aos profissionais do sexo com suas dores, bem como prazer no ambiente de trabalho, compreendendo sua visão e sentido do trabalho, como se enxergam dentro da sociedade, visto que a profissão não é bem vista pela mesma, e as consequências a vida pessoal.

Objetiva-se com este estudo apresentar a situação de trabalho dos profissionais do sexo da cidade de Manhuaçu (MG), o sentido do trabalho para eles e os aspectos motivacionais que os levam a estarem inseridos nesse ambiente complexo de trabalho.

A importância deste trabalho para os sujeitos de pesquisa é dar voz a eles para que apresentem sua vida, as dificuldades encontradas para exercer a profissão, as sequelas deixadas a vida pessoal e também um espaço de alcançar o reconhecimento da sociedade. Para o meio acadêmico é uma forma de verificar efetivamente as questões dos ambientes de trabalho e as influências que trazem a vida profissional e pessoal dos trabalhadores. Para sociedade é uma tentativa de ressignificar a visão preconceituosa e discriminatória com as pessoas que trabalham neste ambiente e reconhecer o trabalho desempenhado como profissão.

Para a produção do artigo e coleta de dados será utilizada a pesquisa descritiva e a abordagem qualitativa, em que os profissionais do sexo serão entrevistados com perguntas preestabelecidas e também podendo discorrer livremente sobre o assunto.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Referencial Teórico

2.1.1 Sentido do Trabalho

O trabalho tem a sua representação na vida das pessoas desde os primórdios da humanidade. Mesmo que, de acordo com Lévy-Leboyer (1994), "as atitudes coletivas frente ao trabalho foram submetidas a profundas reviravoltas e o significado do trabalho, assim como a sua importância frente a outras atividades humanas, muda ao longo dos séculos de maneira radical e numerosas vezes sucessivamente", porém é fato que o trabalho sempre representou parte da identidade das pessoas, interferindo consideravelmente na visão que fazem de si mesmo e dos outros.

Antunes (2003) conceitua o trabalho como sendo de origem primária e de realização do ser social, pautado nas atividades humanas em instituições, validando o papel fundamental do trabalho na formação pessoal e do ser social. O autor reitera que o trabalho é uma resposta básica da vida as necessidades sociais. Ao mencionar

as relações centrais de trabalho, Antunes (2003) evidencia sua importância como necessidade existencial, cujos rendimentos servem para a satisfação de necessidades humanas (alimentação, moradia, educação, lazer, bem-estar social, arte e prestígio), tornando-se, portanto, um elemento crítico contribuidor para o autoconceito e identidade. E ainda afirma que os indivíduos se baseiam no trabalho como atividade estruturante para socialização e humanização.

Neste contexto, Assis e Macedo (2008) reconhecem que o trabalho, atua na construção da identidade e na integração social, o qual afeta a vida das pessoas como um todo. Como afirmam Codo *et al.* (2004), a identidade se constrói na relação entre identidade, trabalho e relações sociais e afetivas, ou seja, na relação diária do trabalhador com a própria vida. Conforme Diogo e Maheirie (2007), o trabalho define o indivíduo como ser humano social. Este interfere de alguma forma na subjetividade do trabalhador, excedendo a atividade realizada, demonstrando-se no corpo e na compreensão de mundo daquele que o exerce.

Todavia, o significado do trabalho, em sua cronologia, indica duas ideias distintas. Essas ideias configuram as tradições (histórico, filosófico e religiosa) que permeiam a perspectiva avaliativa/afetiva com que se atribui ao trabalho na atualidade. Em primeiro lugar, surge a ideia de trabalho baseada na própria derivação da palavra, que tem sua origem no latim “tripalium”, que significa instrumento de tortura e também “labor”, que alude a dor, sofrimento e esforço (GODELIER, 1986). Antunes (2004), ressalta que na antiguidade o trabalho era visto como castigo, punição, tortura, como condição básica de sobrevivência, perspectiva essa que se perdurou por longos anos na sociedade, somente no final da Idade Média, quando São Tomaz de Aquino ressignificou o trabalho como algo moral, digno de honra e respeito. Cabe reforçar a noção de punição pelo pensamento cristão católico, no qual em sua longa trajetória, enxergava o trabalho como martírio, obrigação, dever, responsabilidade e condição necessária para a salvação nos planos celestiais. Tal ideia traz uma avaliação negativa do trabalho.

Já a segunda concepção concerne uma avaliação positiva sobre o trabalho, que o percebe como a prática das capacidades humanas para assegurar o domínio da natureza, à possibilidade de construção, de identidade, de auto realização, sendo responsável pela própria condição humana. Viegas (1989), evidencia que a possibilidade do homem crescer e realizar-se, ou seja, construir-se como ser, como indivíduo, advém do trabalho. Freud (1974) acrescenta que o trabalho é o que dá direção à vida, cria consciência da realidade, e, também, permite que os indivíduos se relacionem e conquistem inúmeros vínculos entre si. Bastos *et al.* (1995), ressaltam que a ideia de trabalho está ligada a noção de empenho, esforço para atingir determinado objetivo e que trabalhar, significa também fazer bem feito, com cuidado, ter atenção na execução de uma ação, de uma tarefa. E afirma que na tradição oriental, as religiões enxergam o trabalho como uma atividade que harmoniza os homens com a natureza e que desenvolve o seu caráter.

Nesse sentido, compreende-se que o trabalho é fundamental a vida pessoal e social dos seres humanos, pois contribui na formação individual e os insere nas relações sociais. Entretanto, a condição de não trabalho faz com que as pessoas se enxerguem deslocadas na sociedade, e que sofram perante esta situação, por essa razão, se sujeitam a trabalhos periféricos e desqualificados. Enriquez (1999) sustenta que o desemprego causa crise de identidade das pessoas, contribuindo para o comprometimento de suas personalidades. Silva *et al* (2013), acrescentam e concluem que o trabalho tem uma dimensão psicológica na vida do trabalhador, induzindo o modo como este percebe o mundo e a si próprio na sociedade.

A importância do trabalho na vida das pessoas se confirma, na pesquisa de Morin (1997), na qual ao entrevistar um grupo de pessoas com a pergunta de que se tivessem muito dinheiro para viver o resto da vida sem trabalhar, o que fariam no que diz respeito ao trabalho, cerca de 80% dos entrevistados responderam que continuariam a trabalhar. O que permite a consideração de que o trabalho está relacionado com a busca pelo sentido da vida também. Segundo Frankl (1963) citado por Morin, Tonelli e Pliopas (2007), os indivíduos têm a necessidade de sentido para realizar suas tarefas, caso contrário, mergulham numa “frustração existencial”. Antunes (2003) defende que, para que a vida seja cheia de sentido fora do trabalho, é necessário que ela seja provida de sentido dentro do trabalho. Frankl (1985), ressalta que a busca pelo sentido da vida é o que motiva o ser humano. Mendes (2007, p. 43) acresce que o sentido do trabalho é resposta “da relação entre a subjetividade do trabalhador, do saber fazer e do coletivo do trabalho”. Desta forma, o trabalho estaria sempre associado na relação de prazer-sofrimento, visto que ele pode ser fonte de patologias, adoecimentos, como também de saúde (DEJOURS, 1992).

Foram realizados estudos com o objetivo de esclarecer o sentido do trabalho para as pessoas, dentre eles se destaca uma pesquisa realizada por Morin (2002) com estudantes de administração e administradores. Foram identificados cinco motivos para o trabalho entre os estudantes, o primeiro era a auto realização e inovação do próprio potencial, o segundo, para ser seguro e autônomo, o terceiro, para criar vínculos e relacionar com outras pessoas, o quarto, para contribuir com a sociedade e o quinto, para dar sentido à vida e ter ocupação. Para os administradores, seis pontos foram definidos para considerar um trabalho que faz sentido. O primeiro deles é o trabalho realizado de maneira eficiente e que traz bons resultados, além de ter a necessidade de ser satisfatório em si, ou seja, oferecer ao trabalhador algum prazer e satisfação na realização das tarefas, possibilitando que os mesmos possam se desenvolver, utilizar seus talentos e potencial, de maneira autônoma. Ademais, ele precisa ser moralmente aceitável, isto é, sua execução deve ser bem vista socialmente. O trabalho também precisa proporcionar experiências que agreguem positivamente as relações humanas, como a criação de vínculos afetivos. Pontuaram, também, que o trabalho deve garantir autonomia e segurança, cumprindo com a ideia de emprego estabelecida até então e para fins de sobrevivência. E, por último, manter as pessoas ocupadas, não dando espaço para transtornos como ansiedade e sensação de vazio para o trabalhador.

Por meio da pesquisa realizada por Morin (2002), resultou-se que o sentido do trabalho não se dá pela ideia remota de que ele era somente um meio de manutenção social. A pesquisa comprova que além de ser uma forma de subsistência, o trabalho é conceituado também como maneira de ser aceito, de se inserir no meio social e de realização enquanto ser humano.

No entanto, o que tange a prostituição, ou seja, as formas de trabalho desempenhadas pelos profissionais do sexo, em contrapartida, os excluem da sociedade, atribuindo a eles, muitas vezes, a imagem de pessoas marginalizadas.

2.1.2 O trabalho da prostituição e sua relação com prazer e sofrimento.

Antes analisar a prostituição como trabalho, os efeitos a vida dos profissionais do sexo e todas as especificidades desta pesquisa. É indispensável a compreensão no que diz respeito ao termo prostituição e algumas outras nomenclaturas. Segundo Holanda (1986, p.1405), prostituição refere-se a: “1. Ato ou efeito de prostituir (-se); 2.

Comércio habitual ou profissional do amor sexual; 3. O conjunto das prostitutas; 4. A vida das prostitutas; 5. Por extenso, vida desregrada; 6. Profanação, aviltamento”.

Nascentes (1976), afirma que prostituição é o ato em que uma pessoa aceita ter relações sexuais com uma quantidade ilimitada de outras pessoas mediante pagamento. Bem como a palavra prostituta é definida como mulher que comercializa o corpo, o ato sexual. Bueno (1979), acrescenta e define prostituta como meretriz. Ao passo que prostituir seria uma forma de desmoralização e de se rebaixar. Biderman (1992, p. 760), define prostituta como sendo uma “mulher que tem relações sexuais para ganhar dinheiro” e prostituir como “entregar-se ao uso do sexo para obter dinheiro ou vantagens; desonrar-se, corromper-se”.

É nítida a percepção negativa no que tange o trabalho e profissão dos profissionais do sexo, apresentada por esses autores, repleta de uma moralidade sobre os aspectos da vida sexual. Por outro lado, deixando os significados atribuídos pelos dicionários, autores aplicados ao assunto da prostituição mostram como enxergam e definem esse exercício.

Souza (1998), evidencia que a prostituição seria a transformação de um corpo em mercadoria obedecendo as lógicas do capital, assim como interesses políticos, em que o corpo prostituído seria um espelho da sociedade.

Rago (1991) define prostituição sem desmoralizar e desvalorizar essa classe, e concorda com Souza (1998) ao expor que ela é um:

Fenômeno essencialmente urbano, inscreve-se numa economia específica do desejo, característica de uma sociedade em que predominam as relações de troca e em que todo um sistema de codificações morais, que valorizam a união sexual monogâmica, a família nuclear, a virgindade, a fidelidade feminina, destina lugar específico as sexualidades insubmissas (RAGO, 1991, p.23).

Costa *et al.* (2009), definem que prostituição se refere a prática de comercializar serviços sexuais como fonte de prazer, fantasias, sexo, carícias, entre outros. Maia, Chacham e Lopes (2002) afirmam que o exercício sexual não se trata da venda do corpo, mas que sua atuação se dá por meio do imaginário de homens e mulheres pela oferta de prazeres e técnicas sexuais diferenciadas, especiais e incomuns.

Nesse contexto, Silva *et al.* (2013) constatam que ao atribuir à prostituta, significados como meretriz, ou a prática para ganhos financeiros, entre outras formas de menosprezar seu trabalho, favorece a ideia de repressar essa prática ou ter algo contra essas profissionais. Porém, quando se usa a terminologia de profissionais do sexo, transmite a imagem que a profissão é necessária diante a sociedade e as enxerga como trabalhadoras.

Entretanto, o termo utilizado para prostituição é associado somente a prostituição feminina, desconsiderando que, hoje, a prostituição não é exercida apenas por mulheres, excluindo os outros indivíduos que vivem dessa prática, como homens e travestis.

Perlongher (1987, p. 17), caracteriza o profissional do sexo masculino como michê, termo que, segundo ele, possui dois pontos de vista. O primeiro aponta ao “ato mesmo de se prostituir, sejam quais forem os sujeitos desse contrato. E que em alguns contextos – especialmente entre prostitutas e travestis – o termo pode ser aplicado também aos clientes”. O segundo diz respeito somente aqueles que se prostituem, ou seja, os cultores da prostituição, os quais “não se abdicam dos

protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua representação perante o cliente”.

Silva (2006, p. 22), ressalta que na mesma modalidade de prostituição masculina existem dois vértices distintos. Tais vértices “relacionam-se a identidades de gênero e representações articuladas a performances gestuais e discursivas que, sem sombra de dúvida, são fundamentais nas interações entre o profissional do sexo e seu cliente”. De um lado, a pessoa das travestis, nas quais “tem uma representação da feminilidade; e, no outro, a figura do michê, que representa a masculinidade também em seu excesso cuja representação gestual e discursiva se dá pela virilidade”.

O local de trabalho dessa classe profissional, de acordo com Espinheira (1984), é geralmente em áreas de baixo valor econômico e status, como bairros pobres, nas proximidades de zonas comerciais populares, ou áreas com excessiva mobilidade como próximos a rodoviárias, imediações de rodovias ou BR, entre outros. O autor justifica que este fato se dá pela prostituição não poder se localizar livremente como as outras profissões legalizadas, pois as pressões sociais e o policiamento as obrigam a situar-se nessas localidades.

Outrossim, uso comercial do corpo enfrenta grande dificuldade, diariamente, pelas pessoas que se prestam a essa prática, visto que não contam com um reconhecimento social, nem são olhados com empatia entendendo os meios que os levaram a trabalhar nesse meio complexo de trabalho e, muitas vezes, não possuem um bem-estar vinculado às prevenções para a saúde e aos direitos trabalhistas. Além de, também, marginalizarem a prostituição. Estes trabalhos que não trazem um reconhecimento ao trabalhador podem se tornar perigoso para a saúde mental de quem os realiza (DEJOURS *et al.*, 1994), podendo gerar um sofrimento para os trabalhadores.

Souza (2007), apresenta que cada pessoa tem seus motivos particulares para justificar essa prática, alguns deles são: desemprego, alcançar independência financeira, a necessidade de manter uma família, como filhos e pais, e até mesmo como forma de conquistar um status social. Segundo Molina e Kodato (2005), uma das principais causas de ingresso na vida da prostituição é a crise econômica e social, e encontram nesse exercício uma forma rápida e suficiente de geração de renda. E reitera que essas escolhas são influenciadas pela necessidade de sustentar a família, e pelo baixo nível de escolaridade que prejudica a introdução no mercado de trabalho. Gaspar (1985), concorda e acrescenta que os principais motivos que levam a inserção na vida da prostituição, é a miséria econômica, e que as desigualdades econômicas e sociais favorecem a exploração e o comércio sexual.

Ao mencionar a marginalização da prostituição e a imagem depreciativa atribuída aos (as) garotos (as) de programa, Goffman (1988) afirma que podem ser entendidos com três tipos de estigma diferentes atribuídos a essa prática, um deles de ordem física, ligado ao corpo, o outro de ordem moral, ligado ao caráter individual e por último, relacionado a origem, isto é, a genealogia do indivíduo. Nussbaum (2002) ressalta que a estigmatização relacionada a algumas classes profissionais é decorrente de reações sociais de preconceito seja de classe, de raça ou de gênero. E Goffman (1988) complementa que, isto se dá pelos atributos negativos construídos nas relações entre o indivíduo estigmatizado e a sociedade. Outra fonte de preconceito é apontada por Brasil (2002, p. 4), que afirma que “as profissionais do sexo foram particularmente associadas à epidemia da Aids desde seu início, em razão de uma conjunção de fatores decorrentes tanto de sua atividade profissional como de

seu gênero, do estigma e da conseqüente discriminação”. O que, além de uma ideia discriminatória, leva a outra problemática da prostituição: seus riscos.

Os riscos dessa atividade, tais quais um ambiente de trabalho incerto, o uso de drogas ilícitas, o contágio de doenças sexualmente transmissíveis e a passividade à violência em seus diferentes modos: sexual, psicológica, verbal e física. Torres *et al.* (1999), salientam que os riscos da profissão partem de um não reconhecimento podendo gerar desmotivação, stress, depressão, e como já citado, o uso de entorpecentes. Conforme Freud (1996, p. 85), o uso de drogas ilícitas, pode se tornar a única forma de encontrar prazer na profissão e afirma:

Contudo, os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. Em última análise, todo o sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado. O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém, que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis.

Rossi (2010, p. 115), afirma que as patologias, assim como, o uso de entorpecentes, surgem de um sofrimento patogênico, este, “instalado quando a organização do trabalho não permite ao trabalhador uma margem de liberdade/manobra para efetuar ajustes”. Botelho (2003), afirma que as pessoas que se prostituem enxergam o uso de drogas como uma das formas de suportarem a vida na rua, essa prática é uma maneira de aprender a lidar com situações que fogem do controle da própria vida. Esses profissionais, por não estarem inseridos e reconhecidos no mercado de trabalho de modo formal e legalizado, procuram nas drogas, nos vícios, uma maneira de amenizar suas preocupações, medos, todos os seus sofrimentos, e por vezes entram em quadro de depressão. Segundo Frankl (1986), antes de surgir a depressão, o primeiro sintoma identificado é a apatia, trazendo de volta o sentido do trabalho, dado que ao vivenciar a desocupação, esta é experienciada como um vazio interior, um vazio de consciência. E ainda acrescenta, que os sintomas são específicos de um sentimento de que a vida não tem sentido. Assim, entende-se que falta de reconhecimento social, da legitimidade do trabalho e do seu sentido, provocam nos profissionais da prostituição um grande sofrimento, pois não conseguem encontrar um sentido para suas vidas, perdendo-se no vazio do sentido (CORRÊA *et al.*, 2012).

Segundo Dejours (2011, p. 65), o reconhecimento concedido pelos outros, permite dar ao sofrimento uma significação social, contribuindo consideravelmente para a formação do sentido do trabalho. Sem o reconhecimento, o sofrimento gerado pelo encontro com o trabalho permanece, de fato sem significação. E acrescenta que o reconhecimento pode transformar o sofrimento em prazer, quando a estratégia utilizada para solucionar as dificuldades apresentadas não é colocada como um impasse pela organização do trabalho, e é validada pelos outros como uma contribuição total.

No entanto, a prostituição pode, muitas vezes, ser uma atividade prazerosa. Em uma pesquisa realizada por Barreto (2008), as mulheres entrevistadas afirmavam que além de buscar o dinheiro, também é desejado o prazer sexual, apresentando, que há também sentimentos e emoções deslumbrados, assim, o sexo com os clientes

é muito importante como fonte de prazer, suprimindo necessidades que não conseguem alcançar fora do mundo da prostituição. Esse contexto, mostra, que mesmo nessa condição, a pessoa que se prostitui busca afeto. Conseqüentemente, quando há essa busca por ambos os lados, cliente e profissional do sexo, a relação pode ultrapassar fatores comerciais (BRUNS & GUIMARÃES, 2010).

Frankl (1986), ao citar a prostituição feminina, expõe que as mulheres se preocupam sempre com os seus atributos físicos, pois elas querem ser conquistadas, ainda que não queira que seja algo sério, isto é, no que ela tem de verdadeiro e próprio, uma pessoa fadada de caráter, de algo único e particular. Desse modo, ao satisfazer as vontades do homem, ela lhe concede o que ele pretende “alcançar”, e, assim, ficam ambos com as mãos vazias (FRANKL, 1986). Por conseguinte, a busca pelo prazer, na prostituição, se mostra como mais uma forma dos profissionais buscam de encontrar o sentido de sua vida (CORRÊA *et al.*, 2012).

Assim sendo, a relação de prazer e sofrimento do trabalhador está diretamente ligada ao sentido e reconhecimento em seu trabalho. Portanto, a análise a ser feita neste estudo, busca dar ouvidos aos profissionais do sexo com suas dores, bem como prazer no ambiente de trabalho, compreendendo sua visão e sentido do trabalho, como se enxergam dentro da sociedade, as conseqüências a vida pessoal e os aspectos motivacionais que os levam a estarem inseridos nesse ambiente complexo de trabalho, dando forma a este reconhecimento determinante para o estabelecimento de um sofrimento ocasionado em situação de trabalho, neste caso, do profissional do sexo e seu exercício de se prostituir.

2.2. Metodologia

O Município de Manhuaçu, localizado na Zona da Mata de Minas Gerais tem experimentando um crescimento considerável nos últimos anos e hoje, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019) tem uma população estimada de 90.229 habitantes. Concomitantemente com este crescimento os profissionais do sexo têm expandido suas atividades no município, e portanto, foram os sujeitos de pesquisa deste estudo. Participaram da pesquisa três profissionais do sexo dos gêneros feminino e transexual. Trabalham nos principais pontos de prostituição da cidade, como a BR-262, proximidades da rodoviária e casa de prostituição.

O estudo realizado é uma pesquisa de caráter descritivo, uma vez que ela tem como objetivo primário a descrição de um grupo específico populacional, ou seja, estudar suas características (GIL, 2008). Este tipo de pesquisa foi escolhido por estar intimamente ligado ao objetivo de estudo que é levantar e descrever opiniões, atitudes e experiências da vida dos profissionais do sexo sobre o prazer e sofrimento em seus contextos de trabalho.

Foi utilizada a técnica de levantamento, que segundo Gil (1988) é uma interrogação feita diretamente às pessoas na busca de se conhecer determinados comportamentos. Entende-se que esta técnica se relaciona com o objetivo proposto neste trabalho, pois buscou-se trabalhar com o comportamento dos profissionais do sexo.

A coleta de dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas com o consentimento das entrevistadas e posteriormente transcritas. Segundo Bertucci (2009) a entrevista é um indagamto direto realizado entre duas pessoas para conhecer a visão do entrevistado sobre determinada questão. Ainda segundo a autora, são semiestruturadas por ser desenvolvida por um roteiro básico com

flexibilidade para introduzir, excluir ou alterar as perguntas no decorrer da entrevista. Deste modo, as entrevistas possibilitaram aos entrevistados que discorressem livremente sobre o tema tratado, expandindo as informações para análise. Ressalta-se que as entrevistas foram gravadas com consentimento dos entrevistados para efetuar uma melhor análise dos depoimentos.

O uso de depoimentos tem por objetivo reunir discursos em que os sujeitos contam sua história, reunindo informações sobre a realidade vivida no trabalho: o indivíduo é testemunha de seu tempo, de seu ambiente e de sua inserção social (MINAYO, 1994).

Enquanto a abordagem ela caracterizou-se como qualitativa, foi escolhida pela possibilidade de aproximar a este universo, através da escuta dos profissionais. Dado que, também, de acordo com Gil (1994), por meio da análise qualitativa tem-se o entendimento de situações em que se requer uma análise tanto descritiva quanto interpretativa, por isso justifica-se o uso neste contexto.

2.3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Buscando atender os objetivos deste trabalho e responder o problema de pesquisa sobre o prazer e sofrimento no âmbito profissional das prostitutas, aplicou-se uma entrevista, na qual elas puderam discorrer livremente sobre o assunto. Em um primeiro momento foi-se interrogado com perguntas básicas, como tempo de trabalho, a idade, o gênero, a etnia e os locais de atuação. O quadro abaixo apresenta essas informações, cabe dizer que os entrevistados foram identificados como E1, E2 e E3.

QUADRO 1 – Características Básicas dos Entrevistados

	E1	E2	E3
Tempo de Trabalho	3 anos	3 anos	9 anos
Idade	23 anos	25 anos	25 anos
Gênero	Transexual	Feminino	Feminino
Etnia	Parda	Morena/Parda	Parda
Local de Atuação	BR-262, boates e esquinas em geral.	BR-262 e aplicativos de relacionamento.	BR-262 e cidades vizinhas.

Fonte: Dados de pesquisa 2019.

Ao se perguntar o local de atuação, o E1 salientou:

Por ser transexual as pessoas não respeitam, as ofertas acontecem em qualquer lugar, por exemplo quando eu desço na rua para resolver alguma coisa ou pagar alguma conta, param dois a três carros, chega a ser desagradável, sempre isso acontece, além desses lugares que trabalho, eu não tenho um local preestabelecido de prostituição, ser profissional do sexo transexual é se prostituir em qualquer lugar.

Dando continuidade a entrevista, foi-se perguntado como era a trajetória de vida até começar a se prostituir. O E1 fez o seguinte relato:

Eu tinha uma renda financeira boa, meu pai é pastor, venho de uma família boa, entendeu? Mas eu sou um pouco orgulhosa, sempre fui independente, eu trabalhava numa loja de artigos para festa, além fazer de ornamentações de festas, fazia faxinas, organizava, fazia tudo que me pediam, amava estar ali, entendeu? Mas pela loja ter entrado em falência, a dona teve que dispensar os funcionários. Então, chegaram umas travestis de fora e me apresentaram o programa, no primeiro momento fiquei em dúvida, mas comecei assim. Então antes da prostituição, eu tinha emprego, fazia curso.

Minha trajetória de vida até entrar no ramo era bem tranquila, eu trabalhava em outra cidade onde eu morava com a minha família, tinha trabalho fixo, quando me mudei para cá as coisas começaram a ficar apertadas, não conseguia emprego, então resolvi a marcar encontros pelo aplicativo de relacionamento e com o passar do tempo fui gostando e fui continuando. Mas a ideia inicial é de que seria apenas temporário (E2).

Eu ainda era muito nova, tinha apenas 16 anos, estudava e era sustentada pela minha mãe, mas a nossa condição financeira não era tão boa, e aí conheci um cara mais velho que eu, sempre tive interesse por caras mais velhos e comecei a ganhar muitos presentes. Aconteceu da gente se separar e eu me acostumei com a vida de presentes e foi assim que comecei a fazer sexo por dinheiro (E3).

Ao se questionar os motivos que os levaram a entrar nessa profissão, os entrevistados acrescentaram que:

Fui motivada a me prostituir porque a condição de empregar transexuais é mínima, então assim como eu não tive recursos para trabalhar devido aos incidentes do meu antigo emprego, tive que recorrer a faxina mas não estava dando, porque eu já morava sozinha, era independente, tinha minhas despesas e gastos, aluguel, água, luz, como qualquer outra pessoa e me submeti a prostituição porque fui iludida pelo preço que as travestis falavam que ganhavam e ganham por mês, de 7 a 10 mil reais, algumas 15 mil reais e realmente, de fato eu tive essa renda, e isso que me motivou a entrar nessa vida (E1).

Como eu já disse antes, ser garota de programa não foi minha meta de vida assim como não é para ninguém, mas as circunstâncias levaram a isso. O desemprego que eu enfrentei quando cheguei aqui foi um dos maiores impulsionadores (E2).

Todas estas respostas concordam com Souza (2007), ao ressaltar os motivos particulares que cada pessoa tem para justificar essa prática, como desemprego, alcançar independência financeira, a necessidade de manter uma família, como filhos e pais, e até mesmo como forma de conquistar um status social. E também com Molina e Kodato (2005), que afirmam que uma das principais causas de ingresso na vida da prostituição é a crise econômica e social, e encontram nesse exercício uma forma rápida e suficiente de geração de renda.

Ao se interrogar, o que para eles significava ser prostituta, revelaram que:

Prostituta para mim significa uma pessoa que se prostitui, independente do gênero, da sexualidade, é uma pessoa que se aluga por determinados momentos, em outro nome profissional do sexo, mas eu menosprezo essa palavra porque até então eu não gosto dela (E1).

Significa uma forma de sobreviver, de ter minha independência, minha liberdade. É um trabalho como tantos outros, a diferença que eu uso meu corpo como instrumento de trabalho para dar o que as pessoas não encontram em outro lugar (o que nem sempre é só sexo), e de alguma forma receber também, porque nem sempre o que eu quero é dinheiro, às vezes, estou carente também (E2).

Este relato da E2 comprova o que Barreto (2008) descobriu em sua pesquisa, em que as mulheres entrevistadas afirmavam que além de buscar o dinheiro, também é desejado o prazer sexual, apresentando, que há também sentimentos e emoções

deslumbrados, assim, o sexo com os clientes é muito importante como fonte de prazer, suprimindo necessidades que não conseguem alcançar fora do mundo da prostituição. E também o que Bruns e Guimarães (2010) complementaram, que mesmo nessa condição, a pessoa que se prostitui busca afeto.

Neste contexto, surgiu o questionamento sobre a decisão de entrar na vida da prostituição, se era por livre e espontânea vontade e se foi uma decisão acertada, eles responderam que:

Sim, todos nós temos nosso livre arbítrio, cada um de nós decidimos nossos próprios atos, mesmo que, depois em breve soframos as consequências, então eu por livre e espontânea vontade me decidi a ser uma profissional do sexo, uma prostituta, para manter as despesas. A minha mãe que eu ajudava também, tinha outras escolhas, mas não queria lutar por elas, pois nós pessoas transexuais matamos 20 leões por dia, se as outras pessoas consideradas “normais” elas matam 10 leões por dia, imagina a vida de uma transexual. E naquele momento eu não enxerguei outras opções e fui logo me submeter a prostituição, decidida por livre e espontânea vontade (E1).

Foi uma decisão minha, pois eu queria continuar com a vida que levava, no início foi muito difícil porque eu tinha um certo apego aos clientes. Não me arrependo da decisão, mas também não me sinto realizada, o preço que se paga por ser uma prostituta é alto, uma luta diária tanto com a sociedade que não nos valorizam, quanto com a gente mesmo, por fim a gente começa a acreditar que somos sujas, sem caráter, e isso é um dos maiores problemas que eu enfrento comigo mesma, mas olhando pelo lado bom hoje consigo ajudar meus pais e me manter (E3).

Corrêa *et al.* (2012) afirmou que as faltas de reconhecimento social, da legitimidade do trabalho e do seu sentido, provocam nos profissionais da prostituição um grande sofrimento, pois não conseguem encontrar um sentido para suas vidas, perdendo-se no vazio do sentido. Por meio da fala da E3 pode-se observar a veracidade dessa afirmação.

Logo, foi-se perguntado quais eram as dificuldades enfrentadas durante os anos de prostituição. E disseram que:

A gente passa na rua, moto, carro nos param, nos impondo a nos vender, mesmo a gente falando não, que não quer, eles insistem, se a gente não sai andando acaba entrando, eu faço a Cátia Sonsa e saio andando, finjo que não é comigo, pago de mulher. Sofro muito preconceito dentro de loja, nas ruas, dentro de casa, principalmente dentro da família. Nossos vizinhos, nossos bairros, em todo lugar, em toda parte, infelizmente vivemos em um país tomado por pessoas que digamos que são “animais irracionais”, porque não conseguem usar o raciocínio e respeito não é uma coisa que se guarda dentro do bolso, é uma coisa que se pratica, então se praticasse mais, nós transexuais, prostitutas, sofreríamos menos preconceito e discriminação da sociedade (E1).

Com certeza o preconceito tanto da sociedade como um todo que te vê apenas como “puta”, mas que não procura se colocar no lugar e imaginar o que a gente passou para chegar até aqui. Mas o pior preconceito veio da minha família, porque a gente espera ser atacado por um estranho, mas não por alguém próximo. Sem contar da violência que tamo exposta, a gente nunca sabe se vamo chegar viva em casa, passamos por muitas situações difíceis, tem que ter muito estômago pra continuar (E2).

O enfoque dado ao relacionamento familiar, levou a dúvida de como era essa relação deles com a família, eles relataram que:

A minha relação com a minha família, é razoável pois eles praticam preconceitos comigo. A minha mãe em certos ambientes e lugares, eu sou sobrinho, em outros ambientes que ela se orgulha eu sou a filha, porque eu sou adotada, é desagradável estar ouvindo e vendo aquilo. Tenho um irmão que é maravilhoso e não olha isso, mas fica me chamando por nome de menino ainda, insiste nesse nome, mas é o único irmão que eu tenho e me faz super bem, agora o resto da minha família eu acho que posso jogar fora, porque praticam preconceito constante comigo, me humilham, me machuca, radicaliza o meu sentimento. Meu pai é pastor não deu a mínima, não cuidou de mim, eu não sei o que é uma figura paterna, eu não consigo explicar o que eu sinto em relação a minha família, não tenho uma opinião formada (E1).

Não existe mais, hoje me considero uma pessoa sem família. Claro que eu tenho amigos que eu considero como família e tal, mas família de sangue eu não tenho mais. E também não vejo motivo para correr atrás, quando eu mais precisava eles me viraram as costas (E2).

Nesse cenário, percebe-se que boa parte do sofrimento advém da família. A partir daí ampliou-se a visão do sofrimento, além dos recebidos pelos familiares, quais eram os maiores sofrimentos que eles enfrentavam na profissão. Eles apontaram os seguintes:

É sofrimento constante prostituição, desde o dia 20 de janeiro que não estou trabalhando com prostituição, mesmo assim ainda sofro. Todos os dias vários pedidos para me submeter a essa vida novamente e eu tenho que ser firme, fazer várias orações para não falar sim, para esses "lixos", me desculpe esses homens. Já tomei facada, já tomei um tiro de raspão, queimou a minha pele, graças a Deus foi de raspão. Sofri um acidente de carro, porque o cliente era um drogado e eu não percebi se ele estava ou não drogado antes do programa. Dentro de motel, um cara arrancou a faca e começou a fingir que estava incorporando coisas sobrenaturais, que eu não gosto e fiquei com medo naquele momento. Pessoas de carro que acabavam de ser roubadas por outras transexuais e achavam que todas eram iguais e queriam me pegar, porque talvez eu era a única que estava ali naquele momento trabalhando, porque eu tinha alguma conta para pagar no outro dia, então eu ficava até mais tarde, insistindo, para arrecadar alguma quantia maior de dinheiro, e acabava vindo alguns homens e me pegavam para fazer maldade por alguma coisa negativa que tinham sofrido algumas horas atrás. As pessoas não têm empatia para se colocar no lugar do outro, e só querem brigar, querem jogar pedra. Os ônibus de faculdade mesmo quando passam gritam um monte de nomes insultantes, muito desagradáveis, e acabo chorando pois sou muito sentimental e esses insultos me fazem sofrer, pessoas de carro jogam água, tiram foto, então o sofrimento é constante né. Para mim, ser humilhada é uma forma de grande sofrimento (E1).

São muitos, apesar de existir o "mito" de que temos prazer a todo instante, pois trabalhamos com o corpo, nem sempre isso é verdade. A gente passa por situações que desestabilizam a gente, são questões de violência física, verbal. Muitos clientes nos veem como um pedaço de carne que não sente, não pensa e que somos obrigadas a nos submeter a tudo e isso abre espaço para várias coisas que não são legais (E2).

Após estes relatos, ficou evidente que algumas vezes, eles tiveram de se submeter a situações desconfortáveis ou que, até mesmo, não pretendiam fazer. Então, foram indagados sobre essas situações, se já havia acontecido de fato e que expusessem um pouco. A resposta dada pelo E1 abrange todas as outras respostas.

Claro que fui obrigada a fazer coisas que não queria, até mesmo me prostituir, tinha dias que eu saía de casa chorando, me reerguia cantando músicas, me blindava com minha oração, e não focava naquilo. Quando eu me deitava por baixo daqueles homens, eu tentava orar ou cantar alguma música para eu não chorar, pois era doloroso, ruim, desagradável. Já fui estuprada, já fui forçada, às vezes eles nos levavam a lugares muito distantes, onde a gente não tinha como voltar e obrigavam a gente com armas, e a gente vê que eles são mais fortes que a gente, então não temos como reagir e é constante isso. São muitas coisas que a gente não pretende fazer e fazemos (E1).

Todos mencionaram episódios de violência e rebaixamento moral decorrentes dessas experiências. Isto posto, surgiu-se a dúvida sobre as violências sofridas, tanto físicas, quanto verbais, e qual delas era mais comum receber no dia a dia, não somente pelos clientes, mas pela sociedade como um todo. As respostas foram as seguintes:

A violência moral, psicológica, verbal é constante e todos os dias, a física não, não para mim, eu tinha um ex-namorado que me agredia muito, por ciúmes obsessivos por estar nessa vida. Hoje já tenho um novo namorado que me respeita, mas na rua sempre escuto insultos que me deixam com a autoestima péssima. Me deixam muito chateada e, muitas das vezes, que eu entro em depressão é pela sociedade por estar sendo julgada, discriminada, desvalorizada. Não estou pedindo que me valorizem pelo meu conteúdo, pelo o que eu faço e pelo o que eu sei fazer, mas pelo meu potencial (E1).

Sim, constantemente são mais comuns os casos de violência verbal, mas já sofri violência física também tapas, socos, já tentaram me enforcar, alguns clientes veem na agressão uma forma de ter prazer (E2).

O E1 concorda com Torres *et al.* (1999), ao afirmarem que os riscos da profissão partem de um não reconhecimento podendo gerar desmotivação, stress, depressão e para os autores, em alguns casos, até mesmo o uso de entorpecentes. Além da passividade à violência em seus diferentes modos: sexual, psicológica, verbal e física, a prostituição oferece outros riscos, como o contágio de doenças sexualmente transmissíveis e também como já citado, o uso de drogas ilícitas. Foi-se perguntado como eles lidavam com esses riscos, proteção, prevenção e o uso de drogas ilícitas.

Eu me protejo, me blindo, me defendo da violência, através de diálogo, as vezes agrido por legítima defesa ou por impulso. Eu defendo a minha saúde, usando preservativo, tendo uma boa alimentação, e não cedendo a esses homens, que por vezes oferecem uma quantia alta em dinheiro, para fazer coisas sem proteção. [...] algumas não resistem a oferta. Eu sempre pensei, terei hoje, terei amanhã, terei todo dia esse dinheiro, então para que irei me submeter a esses riscos, nunca me deixei me iludir pelo dinheiro. Em relação as drogas muitas se acabam nelas para não ficarem pensando tanto naquele momento, mas não é o meu caso, eu prefiro ouvir uma musiquinha, dançar (E1).

É muito difícil se proteger totalmente e eu aprendi com o tempo, no começo era mais difícil porque era nova e boba, eu tento geralmente fazer contato com o cliente inicialmente por WhatsApp sendo assim pego dados como nome, placa do carro. São dados essenciais para me prevenir, sempre mantendo o sigilo claro, isso de certa forma amedronta a pessoa a fazer algo que eu não queira, além de andar com uma faca para me sentir segura. Quanto a saúde uso sempre preservativo e faço acompanhamento mensal. Enquanto ao uso de drogas, eu faço uso sempre que estou triste, aguentar essa vida é difícil, além de não ter nenhum apoio das pessoas, nosso trabalho nos faz nos sentirmos um lixo, suja, somos vistas como erradas, sem caráter, sinto nojo do meu corpo às vezes e também, por vezes me pego acreditando nessas palavras que ouvimos dos outros e isso faz com que eu não acredite em mim mesma, no que eu realmente sou (E3).

Deste modo, Botelho (2003), estava certo ao ressaltar que as pessoas que se prostituem enxergam o uso de drogas como uma das formas de suportarem a vida na rua, essa prática é uma maneira de aprender a lidar com situações que fogem do controle da própria vida. E também Freud (1996, p. 85), ao afirmar que o uso de drogas ilícitas, pode se tornar a única forma de encontrar prazer na profissão e que “os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo.”

Em seguida, foi-se perguntado qual era o sentimento que eles tinham ao terminar uma noite de trabalho. E expressaram que:

Toda vez que eu fazia e estava voltando para casa, me sentia orgulhosa de mim por estar saindo de casa sem nada e com uma conta para pagar no próximo dia, e voltava com o dinheiro para pagar minha conta. Mas me sinto um lixo por estar naquele ambiente, naquela situação, vivendo daquela vida, me sinto uma “zé ninguém”. E muitas vezes, também, voltava chorando e só através da oração que conseguia me reerguer (E1).

Acho que um pouco felicidade e tristeza misturado, felicidade porque é mais um dia vencido, mas tristeza porque eu me sinto solitária. Eu nunca vou ser vista pela sociedade como uma mulher comum, vou ser sempre a prostituta que é apenas isso, mas não é verdade eu sou bem mais que um corpo nu para satisfazer os outros, mas eu escolhi isso tenho que conviver com as consequências (E2).

A forma que os entrevistados se referem a si próprios, como “lixo”, “zé ninguém” e o fato de serem vistos pela sociedade de maneira negativa, deixando com que os atributos e a forma que trabalham, sejam maiores e determinantes, ou que talvez, dissipem as qualidades e características enquanto ser humano desses profissionais, se justifica com a afirmação de Frankl (1963) citado por Morin, Tonelli e Pliopas (2007), que os indivíduos têm a necessidade de sentido para realizar suas tarefas, caso contrário, mergulham numa “frustração existencial”. Partindo dessa problemática, se questionou o que os motivava a permanecer na prostituição e o E2 expos de forma completa a opinião de todos os entrevistados.

O dinheiro, sem dúvida acho que é o que mais me motiva. Eu ganho bem e não conseguiria ganhar fora dali o que ganho na prostituição, pois não tive tantas oportunidades na vida, não sou formada e venho de família pobre, hoje tenho minha casa própria, meu carro, tenho todas as refeições do dia, coisa que quando mais nova eu não tinha e estou tentando arrumar um jeito e tempo para me formar (E2).

Em uma análise holística da entrevista, se percebeu poucos pontos positivos. Então, foi-se interrogado se, para eles, existiam pontos positivos no exercício da prostituição e quais eram considerados mais prazerosos. Obteve-se as seguintes respostas:

Existe lados positivos na vida de profissional do sexo, por exemplo gastar dinheiro, sinceramente quem não gosta de gastar dinheiro, né? Eu viciiei em gastar dinheiro, todo dia ia na padaria e comprava um “trem” e comia, ficava feliz porque comer é muito bom. Gastar dinheiro, comprar roupa nova, se sentir bem com isso e a única coisa prazerosa é “botar” o dinheiro na mão e gastar (E1).

Muito poucos, acho que é mais a liberdade e independência mesmo. Não vou romantizar dizendo que tem mais ponto positivo do que negativo porque não é verdade, mas eu tento e busco sempre de alguma forma encontrar lados positivos, afinal, até então essa é minha profissão, já basta os obstáculos externos que enfrento em ser prostituta, eu vou ficar tentando criar motivos para ficar mal? (E2).

O E2 confirma a assertiva de Corrêa *et al.* (2012), ao apresentar que a busca pelo prazer, na prostituição, se mostra como mais uma forma dos profissionais buscam de encontrar o sentido de sua vida. Nestas circunstâncias, foi-se perguntado se eles se consideravam felizes na prática da prostituição. E declararam que:

Não me sinto bem trabalhando como profissional do sexo, sempre no final da noite me sinto mal como pessoa, me sinto desonrada, me sinto uma pessoa sem caráter, logo eu que tive uma família muito rigorosa que me disciplinaram muito bem, então eu me sentia mal e não consigo encontrar felicidade na prática (E1).

Feliz não, porém realizada pelo que eu já consegui com o dinheiro que a prostituição me proporciona, mas com o trabalho não (E3).

Para concluir a entrevista, se questionou a proporção do sofrimento e do prazer na profissão sexual, se o saldo era positivo e se realmente valia a pena continuar na prostituição. Os entrevistados afirmaram que:

Só tem sofrimento, o único prazer era no outro dia quando você gastava o dinheiro, comprava alguma coisa que você gosta e te fazia feliz, como já disse muitas se acabam nas drogas para ficarem sãs ali naquele momento, para não ficarem pensando tanto naquele momento, o que não era meu caso, mas é um fato, eu só colocava uma musiquinha e pagava de doida, dançava. E o que se leva no final dessa vida de escolhas erradas, é só o caixão e cadeia, como minha mãe sempre falava e fala, por isso me decidi mudar de vida. E também por ver amigas transexuais, serem violentadas e assassinadas, me decidi a mudar pois estou nova, mas muitos não têm essa opção né (E1).

Único saldo positivo é porque me dá dinheiro, assim eu consigo me manter e sobreviver, mas se eu dissesse que o resultado final é bom não é não, ganhamos o que ganhamos a base de muito sufoco e sofrimento, mas fazer o que. A minha profissão é mascarada com a ideia de prazer, pois trabalhamos com o corpo e oferecemos prazer sexual a quem nos paga, mas para mim esse exercício não é fonte prazer, até porque essa ideia de que temos prazer a todo instante não é verdade, assim como não é para qualquer outra pessoa. Mas como nem tudo é da forma como a gente quer

né. Enquanto a gente tiver forças e não tiver outras oportunidades, a gente vai se virando do jeito que dá (E2).

Apesar do que a prostituição me proporciona, eu não penso em viver da prostituição pelo resto da minha vida, me imagino futuramente com um parceiro e penso em ter filhos, preciso do dinheiro atualmente. Não diria que compensa porque o final de uma garota de programa geralmente é muito triste e só a gente que vive e ver de perto sabe (E3).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou dar ouvidos aos profissionais do sexo com suas dores, bem como prazer no ambiente de trabalho, apreendendo sua visão e sentido do trabalho, como se enxergam dentro da sociedade, visto que a profissão não é bem vista pela mesma, e as consequências a vida pessoal. Para tanto realizaram-se entrevistas e por meio destas foi possível analisar: o ambiente de trabalho das prostitutas; a vida antes de entrarem para a prostituição; a vida na prostituição; a não aceitação social da prática; e a relação do prazer e sofrimento no trabalho.

A partir da análise dos resultados constatou-se que a trajetória de vida desses profissionais do sexo, explica a entrada ao universo da prostituição. Por estarem inseridos em famílias desestruturadas, por viverem circunstâncias de não aceitação familiar, pelo baixo índice de escolaridade e poucas oportunidades de emprego, fez com que enxergassem a prostituição como uma forma de ter acesso a uma renda considerável em pouco tempo de atuação, fato que não conseguiriam caso estivessem fora desse exercício. Não se objetiva justificar a entrada nesta profissão, mas apresentar os motivos socialmente construídos em suas trajetórias que podem ter grande relevância na configuração de suas escolhas e comportamentos que os fizeram se decidir por essa carreira.

É nítido que dinheiro e a falta de oportunidade são fatores determinantes e motivos pelos quais esses profissionais permanecem na prostituição. A relação entre o prazer e sofrimento não se estabelece em uma linha tênue, percebe-se que o sofrimento tem um peso maior. O que se considera em relação ao prazer proporcionado pela prostituição, é a perspectiva financeira estável para se manterem e suprirem suas necessidades, tal como satisfazer seus desejos consumistas. Deixou-se evidente também que a forma de encontrar prazer na profissão sexual é uma maneira de dar sentido à vida e ao trabalho, sendo também um motivo para persistir nesta prática. Isto comprova o que Frankl (1985) afirmou ao dizer que a busca pelo sentido da vida é o que motiva o ser humano. E também concorda com Antunes (2003), ao ressaltar que para que a vida seja cheia de sentido fora do trabalho, é necessário que ela seja provida de sentido dentro do trabalho.

Em contrapartida, os resultados contrastam com Morin (2002) ao afirmar que um trabalho que tem sentido é um trabalho moralmente aceitável, pois a prostituição não é vista como um trabalho moral, entretanto não deixa de ter seu sentido. Os profissionais têm o discernimento de que a prática desempenhada por eles não é aceita socialmente, no entanto eles encontram o sentido em outras extensões desta profissão, como a forma de sobrevivência de si mesmos e seus dependentes, a liberdade em comprar o que desejam, satisfazendo suas vontades, realidade que não teriam caso exercessem outra forma de trabalho, visto que sua situação de baixa escolaridade, pobreza, e também devido a condições específicas pessoais, como a transexualidade, que em virtude do preconceito social não se tem outras oportunidades de fácil acesso, como relatado por um dos entrevistados.

Outrossim, a pesquisa realizada por Morin (2002), mostrou que além de ser uma forma de subsistência, o trabalho é conceituado também como maneira de ser aceito, de se inserir no meio social e de realização enquanto ser humano. Percebe-se a veracidade desta afirmação, pois a falta de reconhecimento da profissão por parte da sociedade tem grande influência quando se trata do sofrimento ocasionado nesta prática. Muitas vezes os profissionais entram em quadros de depressão, pois se sentem julgados, desvalorizados e sem proteção social, interferindo diretamente na realização pessoal.

Neste aspecto, sugere-se e vê-se necessário o reconhecimento da prostituição como uma profissão, para que os profissionais do sexo se sintam inseridos no meio social, garantam seus direitos enquanto trabalhadores. Para isso aponta-se a criação de ações e políticas públicas que garantam a seguridade social, promovendo uma sociedade mais igualitária e justa, auxiliando os profissionais desta prática e suas famílias em determinadas situações como velhice, desemprego e doença.

A presente pesquisa se limitou pela dificuldade de conseguir convencer os profissionais do sexo a participarem das entrevistas, pois houve uma negação muito grande por parte deles por temerem serem expostos.

Entretanto, este trabalho acresceu no que tange a compreensão de uma tese pouco abordada no meio acadêmico e censurada pela sociedade como um todo. Ademais, permitiu-se o entendimento acerca do sentido do trabalho pelos profissionais do sexo. Sabe-se da importância em dar voz aos marginalizados e apresentar suas dores, as dificuldades e os desafios encontrados para exercer a profissão, as sequelas deixadas a vida pessoal e o que os motiva a estarem inseridos nesse ambiente complexo de trabalho.

Para pesquisas futuras propõe-se o aprofundamento no assunto abordado, com a realização de entrevistas a profissionais da saúde que lidam diretamente com esse público, pois eles detêm conhecimento sobre muitas experiências desse exercício, devido ao fato de existir uma certa amizade entre eles, por esse motivo os profissionais do sexo são mais abertos e se sentem mais à vontade em estarem compartilhando suas vivências.

4. REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **A dialética do trabalho**: Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6ª reimp. São Paulo-SP: Boitempo editorial, 2003.

ASSIS, D. T. F.; MACEDO, K. B. Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues. **Revista Psicologia e Sociedade**, v. 20, p. 117-124, 2008.

BARRETO, L. C. **Prostituição, gênero e sexualidade**: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte. 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

BASTOS, A. V. B.; PINHO, A. P. M.; COSTA, C. A. Significado do trabalho: um estudo entre os trabalhadores. **RAE**, v.35, n.6, Nov./Dez. 1995.

BERTUCCI, J. L. O. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos (TCC): ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação Lato Sensu.** São Paulo: Atlas, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Profissionais do Sexo: Documento referencial para ações de prevenção das DST e da Aids.** Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids, 2002.

BIDERMAN, M.T.C. **Dicionário contemporâneo de português.** Petrópolis: Vozes, 1992.

BRUNS, M. A. T., & GUIMARÃES, R. M. **Garota de “para que” viver, um sentido para a vida individual.** Nesse caminhar, as diversas respostas – como a prostituição – são perspectivas supostas, pois drogas e programa: uma nova embalagem para o mesmo produto. Campinas: Átomo. 2010.

BOTELHO, S. M. N. **Prostituição de adolescentes: uma imagem construída na adversidade da sociedade** (Dissertação de Mestrado), Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. 2003.

BUENO, F. S. **Dicionário escolar da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Fename, 1979.

CODO, W.; MENEZES, I. V.; TAVARES, M.; LIMA, M. E. A.; DINIZ, G. **O trabalho enlouquece?** Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CORRÊA, W. H. & HOLANDA, A. F. Prostituição e sentido de vida. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 17, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2012.

COSTA, D. B.; SILVA, E. F.; NASCIMENTO, J. U. **O trabalho das profissionais do sexo em Campina Grande: a batalha da vida** (2009). Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/141.%20o%20trabalho%20das%20profissionais%20do%20sexo%20em%20campina%20grande.pdf Acesso: 15 set. 2019

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** São Paulo: Atlas, 1994.

DIOGO, M. F.; MAHEIRIE, K. **Alguns sentidos atribuídos ao trabalho doméstico por serventes de limpeza.** Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v11n2/a09v11n2.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

ENRIQUEZ, E. **Perda do trabalho, Perda da Identidade.** In.: NABUCO, M. R.; CARVALHO NETO, A. (orgs.). **Relações de Trabalho Contemporâneas.** Belo Horizonte: IRT da PUC de MG, 1999.

ESPINHEIRA, G. **Divergência e prostituição**: uma análise sociológica da comunidade prostitucional de Maciel. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida**. (A. de Castro, Trad.). São Paulo, SP: Quadrante, 1986 (Originalmente publicado em 1946).

FREUD, S. **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental [1911]**. In: Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1974.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de Programa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GERNET, I. & DEJOURS, C. **Avaliação do trabalho e reconhecimento**. In: P. F. Bendassolli & L. A. Soboll (Orgs.), *Clínicas do trabalho* (pp. 61-70). São Paulo: Atlas, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988.

GIL, A. C. **Administração de recursos humanos: um enfoque profissional**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODELIER, M. **Trabalho**. In: *Modo de produção, desenvolvimento e subdesenvolvimento*. v. 7. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HOLANDA, A. B. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LÉVY-LEBOYER, C. **A crise das motivações**. São Paulo: Atlas, 1994.

MAIA, M. B; CHACHAM, A. S; LOPES, A.F.C. Profissionais do sexo e saúde. In: **Jornal da rede feminista de saúde**. 2002.

MENDES, A. M. B. **Psicodinâmica do Trabalho**: teoria, método, pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MOLINA, A. M. R.; KODATO, S. Trajetória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes. **Revista Temas em Psicologia da SBP**, v. 13, n. 1, p. 9-17, 2005.

MORIN, E. Le sens du travail pour des gestionnaires francophones. **Revue Psychologie du Travail e des Organizations**, 3(2/3), 26-45, 1997.

MORIN, E. M. Os Sentidos do Trabalho. **GV-executivo**, v. 1, n. 1, ago-out, 2002.

MORIN, E.; TONELLI. M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**; v. 19, Edição Especial 1: 47-56, 2007.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. .

NASCENTES, A. **Dicionário ilustrado da língua portuguesa da academia brasileira de letras**. Rio de Janeiro: Bloch, 1976. .

NUSSBAUM, M. **Pela razão ou preconceito: ganhar dinheiro com o uso do corpo**. In: THEMIS Direitos sexuais, Porto Alegre: Themis, 2002.

PERLONGHER, N. O. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RAGO, M. **Os prazeres da noite – prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1991.

REVERÓN, N. **Prostitución: estratégia de supervivencia, explotación sexual o dignidad humana**. Prostituição: exploração sexual e dignidade humana / Nayive Reverón; [tradução Cristina Paixão Lopes]. São Paulo: Paulinas, 2008.

ROSSI, E. Z. **Método de pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho**. In: MENDES, A. M. (org). **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá, 2010.

SILVA, R. A. **Prostituição: artes e manhas do ofício**. Goiânia: Cânone Editorial, Ed. UCG, 2006.

SILVA, K. A. T.; BORGES, G. de F.; MAFRA, F. L. N.; CAPPELLE, M. C. A. **Ser Prostituta: o Sentido do Trabalho Moralmente Inaceitável**. GESTÃO.Org – Recife/PE – Brasil - Vol. 11, No. 2 p.215 -246 Maio/Set. 2013.

SOUZA, I. **O cliente: o outro lado da prostituição**. São Paulo: Annablume, 1998.

SOUZA, F. R. **Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, Brasil. 2007.

TORRES, G. V.; DAVIM, R. M. B.; COSTA, T. N. A. Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. **Revista latino-americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, 7 (3), p. 9-15, julho 1999.

VIEGAS, S. **Trabalho e vida**. In: CONFERÊNCIA PARA OS PROFISSIONAIS DO CENTRO DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL DO INPS. Belo Horizonte, 1989.